

O AUTORRETRATO POSSÍVEL DE RUY BELO

TERESA JORGE FERREIRA *

RESUMO

O poeta português Ruy Belo escreveu grande parte da sua obra durante a longa ditadura do Estado Novo. Esta obra é marcada por uma profunda busca existencial impregnada de desencanto em relação à realidade política e social portuguesa, na qual a censura afeta a consciência individual. É fora de Portugal que Ruy Belo escreve, ainda antes do fim da ditadura, o poema a que deu o título “Auto-retrato” e que apenas foi publicado postumamente. Confrontando este texto com “Nota do autor”, de *País Possível*, destaca-se a relevância de “Auto-retrato” no trabalho poético beliano, pela síntese de tópicos fundamentais desta obra.

PALAVRAS-CHAVE: Ruy Belo. Autorretrato. Poesia. Ditadura. Portugal.

INTRODUÇÃO

Portugal viveu no século XX longas décadas de ditadura. Este período foi precedido de um golpe militar, ocorrido em 1926, que abriu caminho ao Estado Novo, cuja constituição datou de 1933. O regime ditatorial só terminou com outro movimento militar, conhecido como Revolução dos Cravos, que ocorreu no dia de 25 de abril de 1974.

A meio do século XX, também a meio da ditadura, é adotada pela Organização das Nações Unidas a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a qual preconiza os direitos à liberdade de pensamento, de consciência, de religião, de expressão, entre tantos outros.

* Professora Auxiliar Convidada, Investigadora, CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal, teresajorgeferreira@ucp.pt, <https://orcid.org/0000-0003-0744-2920>.

¹ O presente texto resulta da investigação realizada para a tese de doutoramento *Autorretratos na Poesia Portuguesa do Século XX* (FERREIRA, 2019).

Não obstante, durante a ditadura portuguesa, de que António de Oliveira Salazar e Marcello Caetano foram as principais figuras, as liberdades individuais e coletivas permaneceram limitadas, havendo censura e polícia política. Muitas publicações portuguesas e estrangeiras foram apreendidas e impedidas de circular, muitas outras obras não chegaram a ser publicadas enquanto durou o regime, ou porque foram riscadas pelo “lápiz azul” dos censores, ou porque não saíram da gaveta onde tinham sido guardadas. Está talvez entre estas últimas o poema “Auto-retrato”, de Ruy Belo, datado de “Madrid, 1972” (BELO, 2014, p. 866) e apenas publicado depois da sua morte.

O presente artigo propõe uma leitura do referido poema, começando com uma breve apresentação dos versos e do seu estatuto marginal na obra, para depois o confrontar com a “Nota do autor”, de *País Possível*, e assim declarar “Auto-retrato” um poema central no conjunto do trabalho poético de Ruy Belo.

1. IDENTIFICAÇÃO CIVIL E POÉTICA

O início do poema “Auto-retrato”, de Ruy Belo, datado de “Madrid, 1972”, lembra um formulário de identificação, apesar de não incluir o nome, como acontece em “Cólofon ou Epitáfio”: “ruy belo português / [...] / ruy belo, era uma vez” (BELO, 2014, p. 364)². “Auto-retrato” foi publicado a partir da segunda edição de *Todos os Poemas*, de 2004, no conjunto de *Dispersos*, depois de o seu datiloscrito aparecer na página frontal de *A Phala*, em 2001³:

Auto-retrato

Estado civil casado
nacionalidade portuguesa
triste se alegre e sorridente quando triste

2 É este poema, “Cólofon ou Epitáfio”, que afirma que “todo o tempo se lhe ia / em polir o seu poema / a melhor coisa que fez / ele próprio coisa feita / ruy belo português”. Segundo o texto de Alexandra Lucas Coelho sobre o espólio de Ruy Belo, os três últimos versos publicados aparecem acrescentados ao datiloscrito a caneta: “Não seria mau rapaz / quem tão ao comprido jaz / ruy belo, era uma vez” (COELHO, 2003, p. 2-3).

3 Na primeira edição de *Todos os Poemas*, de 2000, “Auto-retrato” não aparece na seção *Dispersos*, que apenas contém “Na noite de Madrid”, publicado pela primeira vez em 1978 na revista *Raiz e Utopia*, e “Homenagem talvez talvez viagem”. Na segunda edição, de 2004, acrescentam-se a *Dispersos* outros dois poemas: “[Um dia alguém numa grande cidade longínqua dirá que morri]”, sem título, publicado no jornal *Público*, em 2003, acompanhado de um artigo de Alexandra Lucas Coelho e de um comentário de Gastão Cruz, e “Auto-retrato”, publicado anteriormente no n.º 86 de *A Phala*, em maio de 2001.

muito mais egoísta se se veste de altruísta
chefe só de família olhar cansado
calva prometedora e tendência obesa
à beira dos quarenta anos de idade
e ajoujado ao peso de vários passados
tímido e trágico e capaz de crueldade
tanta quão tamanho o arrependimento
temendo hoje não tanto já fazer o mal
como fazer algumas ou pior uma só vítima
incoerente e instável ora dado a bons bocados
como logo açoitado pelos ventos dos cuidados
poeta para mais por condição
homem que só pensar sabe afinal fazer
que vive a arte o amor a vida até como destruição
digam vossas mercês como devia ele ser
pois sempre assim seria inútil mesmo renascer

Madrid, 1972

(BELO, 2014, p. 866)

Os primeiros versos falam de uma existência civil (estado civil, nacionalidade, idade) e o ritmo começa por lembrar um impresso identificativo, como o que Rui de Moura Belo terá preenchido em 1971 nos serviços consulares de Portugal, aquando da sua chegada a Madrid (BELO & FIGUEIREDO, 2000, s.p.)⁴.

A referência ao estatuto legal de “chefe [...] de família” serve, como a data, para ligar o poema a um contexto político-social determinado relacionado com a sua nacionalidade, inscrevendo-o na história, mas a referência a esse estatuto está carregada

4 Há na obra de Ruy Belo um *registro* poético de elementos da existência civil, como os descritos na epígrafe de *O Problema da Habitação. Alguns Aspetos: “É obrigatória a inscrição no registo civil dos factos essenciais relativos ao indivíduo... nomeadamente dos nascimentos, casamentos e óbitos. / Art.º 2.º do decreto-lei de 18/2/1911”* (BELO, 2014: 137). O nascimento em Portugal é mencionado em vários momentos da obra, e, em “Auto-retrato”, aparece pela referência à nacionalidade. Também a idade pode ser confirmada, já que o poema vem datado e afirma “à beira dos quarenta anos de idade”: nascido em 1933, Ruy Belo completou em 1972 trinta e nove anos. O “Estado civil casado” é expressamente indicado em “Auto-retrato”. Quanto ao óbito, há também na obra o exercício de escrita *post mortem*, que se encontra por exemplo no já mencionado poema “Cólofon ou Epitáfio”. A própria enunciação do sujeito na terceira pessoa pode contribuir para esse afastamento formal em relação ao eu poético, notando-se na poesia de Ruy Belo um jogo com a naturalidade da enunciação.

de ironia, como se o estatuto de “chefe” fosse o contrário da condição de quem vive em ditadura: “chefe só de família”, *mas de mais nada*. Além dos elementos civis, contribuem também para o retrato do *cidadão* os traços físicos (“calva prometedor e tendência obesa”) e psicológicos (“tímido e trágico”, “incoerente e instável”).

Depois, por uma sequência gradativa que afasta os elementos do autorretrato da existência civil, afirma-se “poeta para mais por condição” e logo em seguida “homem que só pensar sabe afinal fazer / que vive a arte o amor a vida até como destruição”. Se no início há uma construção do retrato com elementos civis, nestes versos dá-se uma destruição dessa identidade com o que é “para mais” ou “afinal” – o poema solta-se do formulário identificativo, liberta-se da existência civil do autor. O “Auto-retrato” existe *destruindo* o cidadão e *construindo* o poeta, o “homem que só pensar sabe [...] fazer”, valorizando deste modo a afirmação de uma *consciência* poética, uma capacidade de livre-arbítrio, de avaliação, que deve incidir não só sobre a própria autoria, mas também sobre o presente histórico da criação do poema.

2. MARGINALIDADE POÉTICA E POLÍTICA

O poema é marcado por uma marginalidade, em primeiro lugar, em relação ao conjunto da obra beliana. Note-se que “Auto-retrato” está fora da obra organizada e editada em vida, porque não foi incluído em nenhum livro, estrutura fundamental no fazer poético de Ruy Belo. Ainda assim, o poema tem título, e isso pode ser lido como um sinal de *acabamento* e de destino de publicação, não só pela pressuposição de interação pública na atribuição de título a um poema, sublinhada por Anne Ferry em *The Title to the Poem* (1996), mas porque todos os poemas publicados por Ruy Belo receberam título, como se este integrasse a condição de ser poema, ou fosse um “rasgo que certamente determina o serem poemas, ou que determina o modo de ser dos poemas de Ruy Belo”, nas palavras de Pedro Serra em *Um Nome para Isto* (SERRA, 2003, p. 73)⁵.

Hugo Manuel Milhanas Machado, na sua tese de doutoramento *Ruy Belo, a Ver os Livros* (2015), também considera que os títulos dos poemas constituem um dos aspectos mais desafiantes da obra beliana, “não só pelo seu uso exaustivo em toda a obra poética [...], mas também pela dimensão auto-referencial que muitos deles evidenciam, acabando

⁵ Apenas não tem título o poema incluído no conjunto de *Dispersos* que começa pelo verso “Um dia alguém numa grande cidade longínqua dirá que morri” (BELO, 2014, p. 867-868).

por permitir que o poema de certa maneira comece a falar em si antes mesmo de começar a falar” (MACHADO, 2015, 61). Ou seja, Machado parece vacilar ao dizer que, “de certa maneira”, o poema *só começa a falar* nos versos, não no título, mas que afinal o poema *já começa a falar* no título, e, frequentemente, sobre *si*. Reconhece-se que o título tem um *lugar* no poema – como o último verso tem também um *lugar* no poema (lembre-se o texto “The end of the poem”, de Giorgio Agamben), mas é de afastar a ideia de que o título não fala *no* poema ou *com* o poema. Pedro Serra considera que o título “determina o modo de ser” do poema beliano, mas não é o título já parte do *ser* do poema? A obra de Ruy Belo é mais um contributo expressivo para responder afirmativamente a esta questão. Com efeito, a história dos títulos de poemas, em especial nos últimos quatro séculos, mostra como estes foram deixando de ser atribuídos por editores (ou outros agentes) para serem definidos pelo próprio autor, o que, de acordo com Anne Ferry, reforça a autoridade do poeta e aponta para a publicação do poema (FERRY, 1996).

O estranhamento é também provocado pela distância criada pelos próprios versos entre o *homem-cidadão* e o *homem-poeta*, desafiando o próprio sentido do autorretrato. Os elementos típicos de identificação e descrição física e psicológica de um indivíduo são aqui apresentados de forma modelar, correspondendo a um certo paradigma de autorretrato, mas são ao mesmo tempo malogrados. A apóstrofe final do poema acentua o malogro: “digam vossas mercês como devia ele ser / pois sempre assim seria inútil mesmo renascer”. Lembrando a pergunta *quem sou eu?*, “Qui suis-je?”, considerada por Beaujour a interrogação manifesta de qualquer autorretrato (BEAUJOUR, 1980, p. 341), nota-se que este “Auto-retrato” termina ele próprio com um pedido interrogativo, que se parafraseia: *como devo eu ser?*

A par de versos que podem ser lidos como uma resposta à primeira pergunta, na linha do formulário identificativo, este poema apresenta uma dúvida em relação ao paradigma. Afirmam-se *factos* em relação a um sujeito *condicionado*, depois afirmam-se *factos* em relação a um sujeito que se quer *livre* (o que é “para mais” e “afinal”), e depois a dúvida instala-se na própria *consciência* criativa.

A quem se dirige este pedido interrogativo sobre a própria identidade no final do “Auto-retrato”? A leitores anônimos? Manuel Gusmão assinala que, na poesia de Ruy Belo, as “formas ou entoações próprias da interlocução” são um dos aspectos da “ilusão” da poesia como multimoda conversa humana, intermitente e inacabada, sobre a vida e o mundo”, na linha do “caminho que [...] abriu” Joaquim Manuel Magalhães (GUSMÃO, 2000, p. 123). Pode isto ir ao encontro da ideia de que a identidade individual, incluindo

a poética, se constrói pela relação com o outro, tendo o “Auto-retrato” de Ruy Belo a marca do eu e do tu, ainda que aqui sejam *ele* e “vossas mercês”. Não obstante, o efeito da apóstrofe não parece ser tanto o de mostrar a *ilusão* dessa relação dialogada com o outro, mas mais o de afirmar uma existência solitária, isolada, como se a interrogação retórica (a ninguém dirigida em especial, apesar da irônica locução respeitosa) fosse apenas a confirmação de que não há salvação possível para a “inutilidade” de “nascer” e “mesmo renascer”.

Pedro Serra destaca o lugar central da “desistência” na poesia de Ruy Belo, como sinal da “frustração existencial” (SERRA, 2003, p. 78), lembrando o poema “Cinco palavras cinco pedras”, de *Homem de Palavra[s]*, que define as “cinco palavras” que bastam “para fazer um poema”: “desistência desalento prostração desolação desânimo” (BELO, 2014, p. 274). Com a “desistência”, que no entanto não *desiste* de se dizer, termina o “Auto-retrato” – um “Auto-retrato” como *construção e destruição* do autorretrato, *persistência e desistência* do dizer poético.

3. “AUTO-RETRATO” E “NOTA DO AUTOR”, DE *PAÍS POSSÍVEL*

Aproveitem-se agora as considerações de Gastão Cruz relativas à publicação do inédito “[Um dia alguém numa grande cidade longínqua dirá que morri]” para a leitura de “Auto-retrato”:

Não podemos saber se, no caso de ter vivido mais tempo, Ruy Belo viria a publicar este poema, encontrado entre os papéis que deixou. [...] Talvez [...] Ruy Belo tivesse entendido que o poema inédito [...] não se integraria adequadamente nesse conjunto e o tivesse deixado de parte, com vista a submetê-lo a uma decisão futura (na verdade, não o destruiu). Lendo-o agora, reconhece-se nele, em parte, o regresso a alguns dos mais poderosos núcleos significativos de uma poesia [...]. (CRUZ, 2003, p. 3)

Também “Auto-retrato” confirma esse regresso a lugares “poderosos” da obra beliana, também “Auto-retrato” resistiu à destruição e talvez tivesse sido integrado em algum livro. No entanto, questiona-se se não teria sido *adequada* a sua inclusão em *País Possível*

(1973), cuja “Nota do autor” (BELO, 2014, p. 497-498)⁶ afirma a “unidade temática” do livro:

[A unidade] do mal-estar de um homem que, ao longo da vida, tem pagado caro o preço por haver nascido em Portugal; a problemática de uma consciência que sofre as contradições próprias da sociedade em que vive e de um homem que tem atrás de si vários passados e vive várias vidas simultaneamente e que intensamente se autodestrói; que se vai suicidando lentamente porque essa sociedade o destrói e assassina e o censura e a censura se instala na sua própria consciência. (BELO, 2014, p. 497)

Na mesma nota, Ruy Belo sublinha a necessidade de “[p]ensar, pensar como um homem que nasceu livre e quer morrer livre”, pondo depois um “ponto final” na nota, por verificar que está a “plagiar-[se] a [si] próprio”, e acrescenta ainda que espera ter sido claro “nesta nota, redigida um pouco à maneira de quem conversa em família”, terminando o texto com a indicação do local e da data: “Madrid, 1 de Maio de 1973” (BELO, 2014, p. 498).

As relações entre “Nota do autor” e “Auto-retrato” parecem evidentes. Além da indicação do mesmo local e da proximidade das datas, que só por si pouco valem, reconhece-se o anseio de estabelecer uma “conversa em família”, ainda que este possa apenas acentuar a solidão – “digam vossas mercês como devia ele ser”. A referência à “nacionalidade portuguesa”, de “um homem [...] nascido em Portugal”, tem a marca das “contradições próprias da sociedade em que vive”, em que é “chefe só de família”, não da sua liberdade. Este “homem que tem atrás de si vários passados” está “ajoujado ao peso de vários passados”, e é um “homem [...] / que vive a arte o amor a vida até como destruição”, “que intensamente se autodestrói; que se vai suicidando lentamente porque essa sociedade o destrói e assassina e o censura e a censura se instala na sua própria consciência”⁷ – um “homem que só pensar sabe afinal fazer” e que quer continuar a “pensar como um homem que nasceu livre e quer morrer livre”.

6 A nota afirma que o livro é “um local em que os poemas reagem uns contra os outros, se criticam mutuamente, se transformam uns nos outros” (BELO, 2014, p. 497).

7 Em “Breve programa para uma iniciação ao canto” (BELO, 2014, p. 367-368), que antecede os poemas de *Transporte no Tempo* (1973), Ruy Belo afirma: “Escrevo como vivo, como amo, destruindo-me. Suicido-me nas palavras. [...] Ao escrever, mato-me e mato” (BELO, 2014, p. 367).

Não se pretende com este cotejo entre “Nota do autor” e “Auto-retrato” procurar o *autoplágio* que Ruy Belo assinalou, mas salientar que “Auto-retrato” não só está fortemente marcado pela voz do seu autor, como cabe na unidade temática de *País Possível*, “[u]nidade essa devida ao facto de estes poemas serem uma reflexão sobre o próprio poeta e a realidade que o rodeia [...]”, como é “Auto-retrato”. De qualquer modo, a ideia de *autoplágio* pode relacionar-se com a de “*mémoire intratextuelle*” que Beaujour aponta em relação ao autorretrato literário, como “*mémoire immanente au texte*” (BEAUJOUR, 1980, p. 126), neste caso, poema ou obra poética. Talvez o poema não tenha sido integrado nesta obra por ter o autor considerado que “Auto-retrato” e “Nota do autor” se excluía mutuamente num mesmo livro, ou por ter julgado preferível a *clareza* da “Nota do autor”, ou por ter ponderado a *banalização* do título, cujo uso se intensificou na poesia em língua portuguesa a partir do século XX. No entanto, o título é o que permite dar-lhe o estatuto de concluído, confirmando este “Auto-retrato” como um poema fundamental da obra de Ruy Belo.

CONCLUSÃO

Ruy Belo escreveu o seu “Auto-retrato” fora de Portugal, num momento em que o país vivia há décadas em ditadura. Apesar do desalento e da dúvida expressos ironicamente pelo texto, a escrita do poema foi um gesto de resistência à censura e de exercício da liberdade de criação e de consciência. Ruy Belo não chegou a publicar o poema em vida, mas estes versos condensam tópicos centrais da sua obra, assumindo um lugar fundamental de testemunho desta voz poética.

THE POSSIBLE SELF-PORTRAIT OF RUY BELO

ABSTRACT

The Portuguese poet Ruy Belo wrote most of his work during the long dictatorship called Estado Novo. This work undertakes a profound existential quest impregnated with disenchantment regarding the Portuguese political and social reality, in which censorship affects individual conscience. It is outside of Portugal that Belo writes, before the end of the dictatorship, the poem “Self-portrait”, only published after his

death. Relating this text with “Nota do autor” from *País Possível*, this essay highlights the relevance of “Auto-retrato” in Belo’s poetic work, since the poem brings together fundamental topics of his production.

KEYWORDS: Ruy Belo. Self-portrait. Poetry. Dictatorship. Portugal.

EL AUTORRETRATO POSIBLE DE RUY BELO

RESUMEN

El poeta portugués Ruy Belo escribió parte de su obra durante la larga dictadura del Estado Novo. Esta obra está marcada por una profunda búsqueda existencial impregnada de desencanto en relación con la realidad política y social portuguesa, en la que la censura afecta la conciencia individual. Es fuera de Portugal que Belo escribe, antes del final de la dictadura, el poema que tituló “Autorretrato” y que solo fue publicado después de su muerte. Confrontando este texto con la “Nota do autor” de *País Possível*, se destaca la relevancia de “Auto-retrato” en la obra poética de Belo, por la síntesis de temas fundamentales de su producción.

PALABRAS CLAVE: Ruy Belo. Autorretrato. Poesía. Dictadura. Portugal.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. The end of the poem. *The End of the Poem. Studies in Poetics*. Tradução de Daniel Heller-Roazen. Stanford: Stanford University Press, 1999. P. 109-115.

BEAUJOUR, Michel. *Miroirs d'encre: rhétorique de l'autoportrait*. Paris: Seuil, 1980.

BELO, Duarte & FIGUEIREDO, Rute. *Ruy Belo, Coisas de Silêncio*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

BELO, Ruy. *Todos os Poemas*, 1.^a edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

BELO, Ruy. Auto-Retrato. *A Phala*, n.º 86, p. 1, maio de 2001.

BELO, Ruy. *Todos os Poemas*, 2.^a edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

BELO, Ruy. *Todos os Poemas*, 3.^a edição, 3 volumes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

BELO, Ruy. *Todos os Poemas*, 4.^a edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 2014.

COELHO, Alexandra Lucas. A juventude definitiva de Ruy Belo. *Público*, p. 2-3, 8 de agosto de 2003.

CRUZ, Gastão. “Um dia alguém numa grande cidade...”. *Público*, p. 3, 8 de agosto de 2003.

GUSMÃO, Manuel. Para a dedicação de um homem. Algumas variações em resposta à poesia de Ruy Belo. In: BELO, Duarte & FIGUEIREDO, Rute. *Ruy Belo, Coisas de Silêncio*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000. P. 115-133.

FERREIRA, Teresa Jorge. *Autorretratos na Poesia Portuguesa do Século XX*. 2019. 345 f. Orientador: Gustavo Rubim. Tese (Doutoramento em Estudos Portugueses – Estudos de Literatura) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2019.

FERRY, Anne. *The Title to the Poem*. Stanford: Stanford University Press, 1996.

MACHADO, Hugo Manuel Milhanas. *Ruy Belo, a Ver os Livros. Ensaio na Trajectória de Uma Obra Poética: Tensões e Fracturas de Forma*. 2015. 326 f. Orientador: Pedro Serra. Tese (Doutoramento) – Facultad de Filología, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2015.

SERRA, Pedro. *Um Nome para Isto*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

Submetido em 30 de maio de 2023

Aprovado em 07 de julho de 2023

Publicado em 28 de janeiro de 2024
